

Campanha de preservação e valorização ambiental em Parelhas/RN: construindo comportamentos e orientações ambientais. Ficção ou realidade?

*Conservation and Environmental Appreciation Campaign in Parelhas/RN: Building behaviors and
environmental guidelines. Fiction or reality?*

Evadio Pereira Filho, Clebiana S. F. Azevedo

IFRN - RN

Resumo

O artigo avalia se a Campanha de Preservação e Valorização Ambiental, desenvolvida em Parelhas/RN, contribui com as orientações e comportamentos ambientais dos participantes. Foi utilizado um questionário para a captura de dados sociodemográficos e dos níveis de (dis)concordância dos respondentes sobre dezesseis variáveis ambientais. O instrumento de pesquisa é uma versão adaptada do construto de Larson, Castleberry e Green (2010), denominado Children's Environmental Perceptions Scale (CEPS). Foram entrevistados 101 alunos de duas escolas do segmento local: uma da rede pública de ensino e outra privada. Os resultados demonstraram que o projeto em comento vem construindo e solidificando as condutas e os valores ambientais dos discentes. Há supremacia das variáveis que compõem a eco-consciência, indicando que os participantes sabem o quão importante é o seu papel para o ato de contribuir com a preservação do meio ambiente.

Palavras-chave: Campanha de Preservação e Valorização Ambiental, Parelhas/RN, Orientações e Comportamentos Ambientais.

Abstract

The article evaluates if Conservation and Environmental Appreciation Campaign, developed in Parelhas/RN, contributes to the guidelines and environmental behaviors of the participants. A questionnaire was used to capture demographic data and levels of agreement of respondents about sixteen environmental variables. The survey instrument is an adapted version of the construct of Larson, Castleberry and Green (2010), entitled Children's Environmental Perceptions Scale (CEPS). 101 students were interviewed who are enrolled in two schools in the local segment: one public and the other private. The results demonstrated that the project under discussion has been building and solidifying behaviors and environmental values of the students. There supremacy of variables that integrate eco-consciousness, indicating that participants know how important their role is for the act of contributing to the preservation of the environment.

Keywords: Conservation and Environmental Appreciation Campaign, Parelhas/RN, Guidelines and Environmental Behaviors.

1 Introdução

Os primeiros registros históricos da exploração do homem sobre a natureza remetem ao período Paleolítico. Até então, o homem agia sobre o meio natural, de forma desordenada, unicamente para satisfazer suas necessidades fisiológicas e de segurança – tais como, alimentação e abrigo. Detinham-se a caçar animais e coletar frutos e raízes no entorno espacial no qual habitavam; deslocando-se para outras regiões ao constatarem a escassez das fontes alimentares. Essa relação desarmônica dos seres humanos com a natureza persiste; porém, a cada dia, com maior intensidade. Percebem-se modificações do meio, pura e simplesmente, com vistas a sanar as necessidades e desejos da humanidade. Não há intervenções planejadas, e sim, agressões à natureza as quais decorrem da ação antropológica. Hoje, a sociedade convive com reservatórios hídricos em níveis críticos e poluídos; explosão populacional; alimentos contaminados; áreas verdes reduzidas nas cidades; excesso de veículos automotores que contribuem para emissão de poluentes; entre outros agravantes (PALMA, 2005; BEZERRA; GONÇALVES, 2007; FRACALANZA *et al.*, 2008; SOUZA *et al.*, 2013).

Para Larson, Castleberry e Green (2010), uma das explicações para esse panorama é o desleixo da juventude com a natureza. As crianças vêm mudando a maneira de interagir com o meio natural e aprender sobre ele. Cada vez mais se distanciam do meio ambiente. O uso de novas tecnologias (iPod, tablet, entre outros) como recursos pedagógicos vem ofuscando a importância de aulas de campo – que tornam-se menos frequentes. Fato que pode comprometer o manejo adequado dos recursos naturais, além do bem-estar físico e social de gerações futuras (LARSON; CASTLEBERRY; GREEN, 2010; THOMAS; TEEL; BRUYERE, 2014).

O mundo moderno presencia um receio social com a questão da sustentabilidade ambiental. Existe uma necessidade de promover mudanças, repensar os valores e mudar os hábitos (PALMA, 2005). É imprescindível formar cidadãos conscientes da sua importância para a preservação do meio ambiente e, acima de tudo, compromissados com a questão ambiental. Cada indivíduo deve ser o “zelador” do seu habitat; e perceber a natureza como uma fonte finita de recursos. Fracalanza *et al.* (2008) reforça essa linha de raciocínio. Os autores mencionam que todos, sem exceção, devem concentrar esforços para minimizar os efeitos da crise ambiental (FRACALANZA *et al.*, 2008).

Em resposta a esse cenário, as escolas vêm assumindo o papel de protagonista na preparação dos futuros cidadãos (BLANCHET-COHEN; REILLY, 2013; SOUZA *et al.*, 2013). Ademais, a degradação ambiental exigiu que a sociedade atribuísse à Educação Ambiental (EA) uma maior ênfase, pois a partir dela cria-se e mantém-se relacionamentos sustentáveis entre o meio natural e os homens. A EA surge como uma tendência pedagógica internacional (BLANCHET-COHEN; REILLY, 2013), a ponto dos legisladores brasileiros promulgarem a Lei 9.795/99 a qual regulamentou a Educação Ambiental, instituindo-a como componente essencial da educação formal (BRASIL, 1999). Para diversos autores (PALMA, 2005; BEZERRA; GONÇALVES, 2007; REIS, 2013; RODRIGUES, 2014) a Educação Ambiental é percebida como panaceia. Consiste em um processo contínuo e permanente de aquisição de conhecimentos; além da construção de hábitos, atitudes e valores capazes de promover uma relação harmônica entre homem e ambiente natural. Permite repensar, reprojeter e reestruturar os valores e comportamentos pró-ambiente dos sujeitos (RODRIGUES, 2014).

Larson, Castleberry e Green (2010) percebem os programas de Educação Ambiental como um antídoto para amenizar o déficit de atenção da sociedade com os meios naturais. Todavia, alertam para a carência de trabalhos empíricos que examinem as contribuições que os programas de EA proporcionam a formação das orientações dos participantes (LARSON; CASTLEBERRY; GREEN, 2010). No Brasil, ações voltadas para EA vêm sendo incentivadas e promovidas. A questão ambiental, na educação formal, está sendo trabalhada por meio de projetos, componentes curriculares especiais ou inserção da temática ambiental nas disciplinas. Houve uma evolução significativa em relação ao panorama da Educação Ambiental nas escolas de ensino fundamental. O número de alunos que

ingressaram em instituições de ensino as quais ofereciam EA, entre 2001 e 2004, saltou de 25,3 para 32,3 milhões (TRAJBER; MENDONÇA, 2007).

A cidade de Parelhas/RN também apresenta problemáticas ambientais, tais como processo de seca, erosão do solo, desertificação, esgotamento do patrimônio mineral, redução drástica das espécies nativas que compõem a flora e a fauna local, entre outros. Tudo isso acentuado, principalmente, pelas atividades ceramistas (NASCIMENTO, 2007). Preocupados com esse cenário, desde 1993, os governantes municipais desenvolvem, anualmente, a Campanha de Preservação e Valorização Ambiental que vislumbra a propagação de atividades e conhecimentos ambientais nas escolas públicas e privadas. O intuito do projeto é despertar, em cada educando, uma mentalidade e um comprometimento com a educação ambiental e a sustentabilidade; e, conseqüentemente, torná-los multiplicadores.

Face às arguições supramencionadas, uma questão-chave passou a nortear o presente trabalho, a qual seja: **a Campanha de Preservação e Valorização Ambiental, desenvolvida em Parelhas/RN, é capaz de contribuir com as orientações e comportamentos ambientais dos alunos participantes?** Para tanto, foram entrevistados, mediante questionários, 101 alunos do 4º e 5º ano de duas escolas do segmento local – uma pública e outra particular. Os autores optaram em selecionar essa classe de alunos por considerá-los aptos, em termos cognitivos, para responderem de forma mais confiável o questionário. Ademais, os trabalhos de Carneiro (1999), Mendonça (2004) e Machado *et al.* (2013) também justificam a escolha.

2 Fundamentação teórica

Uma sociedade que preza pelo consumo massivo de bens e serviços é um dos traços peculiares do mundo contemporâneo. Assim, a relação entre os homens e a natureza deve modificar-se e ganhar nova roupagem: de maior zelo com os recursos naturais do planeta. Isso proporciona um uso racional, e garante um desenvolvimento sustentável (JACOBI, 1997). Todavia, no sistema capitalista tão enraizado pela cultura do imediatismo, a Educação Ambiental encontra entraves, principalmente, no que tange à formação cultural dos indivíduos. Alterar o estilo de vida de cada cidadão não é um processo simples e célere. Contudo, Sorrentino (1998) afirma que a solução está em despertar em cada sujeito, por meio de um processo educacional contínuo, o sentido de “pertencimento”, de participação e de responsabilidade sobre o meio natural. Chalita (2002) coaduna com essa visão, ao relatar que a educação constitui-se na mais poderosa de todas as ferramentas de intervenção no mundo; capaz de edificar novos conceitos e mudanças de hábitos.

2.1 Educação Ambiental

Consoante os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), as instituições de ensino devem conduzir o tema Meio Ambiente de forma interdisciplinar e com o propósito de formar cidadãos ecoconscientes, compromissados com a preservação e conservação da natureza (BRASIL, 1998). Nessa seara, os docentes exercem papel fundamental, não só repassando informações aos alunos e contribuindo para formação de conceitos; mas também estimulando a adoção de atitudes e práticas que possam mitigar os problemas ambientais locais. Pontalti (2005) expõe que o processo de construção de valores de um indivíduo não deve ser atribuído somente à família. A escola também é responsável por tal, pois as crianças se espelham nos exemplos vivenciados e repassados no seu cotidiano. Os sujeitos devem assimilar, desde cedo, o que é um comportamento ambientalmente correto. Devem aprender que é incumbência de todos cuidar do meio natural, e que os atos de cada um refletem sobre o futuro de toda a humanidade (PONTALTI, 2005).

Carvalho (2004) afirma que a Educação Ambiental é capaz de mudar valores e atitudes, corrigindo-os, quando necessário; e ao mesmo tempo formando cidadãos ecologicamente corretos, que valorizem o meio natural e seus agentes. Conquanto, Sorrentino (1998) elucida que são árduos os propósitos da EA em resgatar e desenvolver os valores e comportamentos (solidariedade, iniciativa,

responsabilidade, respeito mútuo e compromisso); e estimular uma visão global e crítica das questões ambientais.

2.2 Estudos empíricos que tratam sobre Educação Ambiental no âmbito escolar

Souza *et al.* (2013) afirmam que o mundo moderno vivencia uma crise ambiental, e superá-la requer que crianças e adolescentes, principalmente, construam hábitos ambientalmente corretos. É necessário despertar a consciência de cada sujeito, e levá-lo a usufruir os recursos naturais de forma sustentável. Rodrigues (2014) ratifica esse posicionamento, ao afirmar que a Educação Ambiental conduz a uma sociedade mais consciente e capaz de gerir, com maior eficiência, os recursos naturais. Para tanto, programas e ações de caráter educativo vêm sendo desenvolvidos, com o propósito de estimular a mudança dos valores e comportamentos dominantes na sociedade. Nesse contexto, a geração e a disposição imprópria do lixo passaram a despertar preocupações da comunidade baiana, pois comprometem a saúde dos habitantes. Desenvolveu-se, então, o Projeto Utilixo com atuação nos municípios de Cruz das Almas, Recanto Feliz e Joaquim de Medeiros. O intuito era conscientizar estudantes da rede pública de ensino, debatendo não só a gestão inadequada dos resíduos sólidos, mas também enaltecendo a importância da reciclagem e da coleta seletiva. O desenvolvimento de palestras, atividades práticas e oficinas foram capazes de transmitir conceitos e valores sobre os resíduos sólidos. Para os autores, os educandos mostraram-se sensibilizados com a questão do lixo, e motivados a desempenhar comportamentos pró-ambiente (SOUZA *et al.*, 2013). Esse posicionamento está em consonância com os achados de Hovardas e Korfiatis (2011).

Sá, Pereira e Moura (2012) consideram a Educação Ambiental como “salvadora da pátria”, uma vez que se preocupa em arquitetar estratégias para amenizar o colapso do meio ambiente. É o caminho para fazer com que os seres humanos passem a interagir com a natureza de forma harmônica. Assim como Rodrigues (2014), os autores alertam para a necessidade de ver a EA como um processo contínuo e permanente de aquisição de conhecimentos e de construção de atitudes e valores. Destarte, desenvolveram um estudo, em Petrolina/PE, com intuito de investigar a relação entre teoria e prática de Educação Ambiental. A pesquisa teve como público-alvo os alunos matriculados no SESC, modalidade EJA. Os achados apontam que os discentes, na vida acadêmica, têm acesso à EA de maneira restrita e tradicional. Em geral, depositam, exclusivamente, na disciplina geografia a incumbência de trabalhar a questão ambiental em sala de aula. Ademais, o contato dos alunos com os temas ambientais limitam-se à explanação teórica dos docentes ou a textos, os quais muitas vezes vêm inadequados à realidade do alunado. Concluíram que é possível formar cidadãos alfabetizados ecologicamente, desde que as escolas desenvolvam projetos ecopedagógicos (SÁ; PEREIRA; MOURA, 2012). Na mesma linha de pensamento, Derevenskaia (2014) relata que a preservação do meio ambiente depende da consciência ecológica de cada cidadão. Por isso, é necessário dar atenção à educação e formação ambiental, construídas em parte, pelos ensinamentos propagados nas instituições de ensino (DEREVENSKAIA, 2014).

Aguilar *et al.* (2013), em seu estudo, investigaram a percepção dos professores quanto ao impacto de oficinas sobre as atitudes dos alunos. Foram realizadas, em um primeiro momento, oficinas das quais participaram alunos e professores de escolas urbanas e rurais da cidade de São Roque de Minas/MG. Os docentes notaram a motivação dos alunos em estarem envolvidos nas atividades e discussões propostas; além de externarem a sua satisfação com as oficinas, vendo-as como experiência enriquecedora. Para os professores, essa atividade lúdica foi uma forma de aperfeiçoar os conteúdos programáticos, de desenvolver uma visão crítica e de discutir, entre os atores, as questões ambientais da realidade que os cercam (AGUILAR *et al.*, 2013).

Jantz *et al.* (2013), por sua vez, perquiriram, em comunidades atingidas por catástrofes ambientais, quais os sentidos que estudantes atribuíam aos problemas locais. Participaram da pesquisa alunos de uma escola pública de Blumenau/SC. Como resultado, os estudantes vêem o lixo como o fator que explica os acontecimentos ambientais da comunidade em que vivem. Isso, consoante os autores, decorre do poder da mídia em formatar discursos; e acaba pondo em segundo plano os reais agravantes: ocupação desordenada e em áreas de risco (encostas, por exemplo), e retirada da vegetação. Constatou-se ainda que os estudantes desconhecem a responsabilidade dos órgãos

públicos em aplicar investimentos em obras que mitiguem os problemas ambientais (JANTZ *et al.*, 2013).

Já Almeida *et al.* (2013) averiguaram a relação entre os hábitos alimentares dos alunos de uma escola particular de São Paulo/SP e a quantidade gerada de resíduos sólidos pós-consumo. Para tanto, foram desenvolvidas as seguintes atividades: palestras que incentivaram a opção por alimentação natural e que geraram a menor quantidade de resíduos sólidos; aulas de campo; controle do lixo produzido no seio familiar por um período de sete dias consecutivos; elaboração de cardápios baseados em alimentos integrais, frutas, legumes e verduras; elaboração de apostila contendo orientações nutricionais e dicas de receitas; oficinas para confecção de sacolas retornáveis e para preparo de alimentos saudáveis. Dentre os achados, constatou-se impactos positivos na redução de resíduos sólidos, pois a maioria dos alunos e seus familiares passaram a fazer uso de sacolas retornáveis nas compras em supermercados; bem como reduziram o consumo de produtos industrializados. Tais produtos apresentam maior proporção de itens (embalagem, por exemplo), em sua composição, que não são consumidos e, conseqüentemente, descartados na natureza. Os teóricos destacam também o ganho na saúde dos envolvidos, ao fazerem uso, com maior frequência, de alimentos mais saudáveis, tais como frutas e leguminosas (ALMEIDA 2013).

Machado *et al.* (2013) também examinaram a problemática do lixo. Trabalharam, por meio de oficinas, essa questão ambiental com alunos de uma escola pública de São Luís/MA. Identificaram uma carência de ações voltadas à Educação Ambiental no âmbito escolar, além da pouca importância conferida pelos gestores à gestão do lixo – haja vista o baixo número de coletores disponíveis. Até então, afirmam os autores, que a EA é trabalhada de forma superficial, a ponto de refletir no atual comportamento de desleixo da comunidade escolar que dispõe o lixo em local inadequado (chão).

O estudo de Thomas, Teel e Bruyere (2014) avaliou a contribuição de um programa de educação ambiental para a construção de conhecimentos e valores ambientais de jovens residentes em uma comunidade rural no Havai. Os achados indicam que o programa mostrou-se útil em formar sujeitos alfabetizados ecologicamente, além de despertarem o sentimento de apego com o meio natural (THOMAS; TEEL; BRUYERE, 2014). No entanto, Hovardas e Korfiatis (2011) discordam dessa linha de pensamento. Para eles, os programas de EA pouco acrescentam aos participantes, os quais já possuem valores e condutas ambientais robustos. Aqueles que integram essas iniciativas já têm forte afetividade com a causa ambiental ou ingressam com alta inclinação para agir em prol do meio natural (HOVARDAS; KORFIATIS, 2011).

A Figura 1 ilustra um resumo dos estudos empíricos que serviram como base para catalogar variáveis ambientais.

Autor(es)/Ano	Variáveis Ambientais	Autor(es)/Ano	Variáveis Ambientais
Trajber e Mendonça (2007)	Poluição das águas; contaminação do solo; coleta seletiva; lixo; falta de água.	Blanchet-Cohen e Reilly (2013)	Conservação da água; preservação dos animais e lixo.
Bezerra e Gonçalves (2007)	Contaminação da água e do solo; lixo; preservação dos animais; coleta seletiva.	Souza <i>et al.</i> (2013)	Gestão de resíduos sólidos; reciclagem; compostagem e coleta seletiva.
Hovardas e Korfiatis (2011)	Conservação da água.	Aguilar <i>et al.</i> (2013)	Conservação de fauna, flora e solos; proteção dos rios.
Jantz <i>et al.</i> (2013)	Lixo e conservação da vegetação.	Machado <i>et al.</i> (2013)	Lixo domiciliar e reciclagem.
Almeida <i>et al.</i> (2013)	Lixo e alimentação saudável.	Derevenskaia (2014)	Recursos hídricos e diversidade de animais.

Figura 1. Variáveis ambientais identificadas nos estudos empíricos

Fonte: Elaborado pelos Autores.

2.3 Campanha de Preservação e Valorização Ambiental em Parelhas/RN

Em razão da ausência de materiais didáticos que fundamentassem a escrita desse tópico, os autores optaram por desenvolver uma entrevista com um ente da gestão municipal, em meados de julho de 2014, com o intuito de coletar informações sobre o projeto “Campanha de Preservação e Valorização Ambiental”. O instrumento de pesquisa foi um questionário semiestruturado, com perguntas abertas.

A Campanha de Preservação e Valorização Ambiental, desenvolvida anualmente em Parelhas/RN, desde 1993, é um projeto de Educação Ambiental que tem como objetivo fortalecer, entre os municípios, os valores e as práticas sustentáveis a partir da sensibilização, responsabilidade e cidadania. A idealização surgiu por parte da Secretaria Municipal de Educação, diante da necessidade latente de amenizar, principalmente, o processo de desertificação, tão peculiar a zona em que está inserida a cidade. A cada ano, um tema característico da região semiárida do Seridó – por exemplo, desmatamento da caatinga, racionamento de água, entre outros – é trabalhado. O público-alvo do projeto são os alunos do segmento local pertencentes à rede pública e privada.

O projeto conta com atividades diversas, desde a montagem e apresentação de peças teatrais centradas em temas correlatos ao meio ambiente; perpassando por produção de textos, confecção de cartazes, elaboração de gincanas e minicursos, literatura de cordel, construção de hortas e laboratórios nas escolas participantes (os quais dispunham de exemplares de sementes, folhas, caules e frutos de plantas nativas, além de minérios e animais típicos da região); atividades de campo (distribuição e plantio de mudas nativas; e distribuição de sacolas recicláveis aos motoristas locais; entre outras), até palestras com representantes de órgãos ambientais como, por exemplo, IBAMA. Dentre os principais resultados, destaca-se uma melhoria na arborização, priorização de materiais recicláveis (uso de ornamentações natalinas fabricadas com garrafas pet; confecção de roupas com materiais recicláveis para uso nas peças teatrais); redução de lixo lançados em locais impróprios e uso mais racional da água.

3 Procedimentos Metodológicos

O esquema metodológico ilustrado na Figura 2 foi adotado nesse estudo.

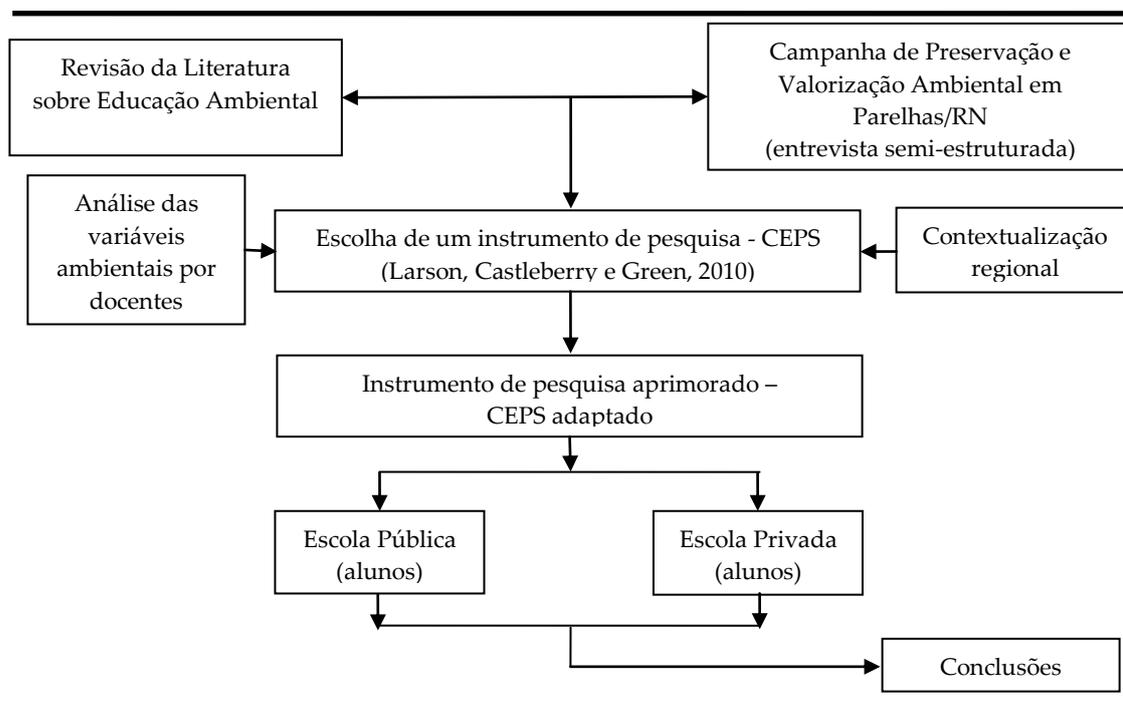


Figura 2. Esquema metodológico

Fonte: Elaborado pelos autores

Na primeira etapa foi realizada uma revisão de literatura sobre Educação Ambiental, com intuito de construir o arcabouço teórico e catalogar variáveis ambientais presentes em estudos empíricos, nacionais e internacionais. Concomitantemente, em razão da ausência de materiais didáticos que abordassem a Campanha de Preservação e Valorização Ambiental em Parelhas/RN, foi desenvolvida uma entrevista semi-estruturada com um representante da gestão municipal com vista a coletar informações acerca do referido projeto. Para tanto, um roteiro previamente elaborado, com 11 questões abertas, foi utilizado.

Sequencialmente, como instrumento de pesquisa foi selecionado o construto de Larson, Castleberry e Green (2010), denominado Children's Environmental Perceptions Scale (CEPS). O instrumento contempla 16 variáveis. Antes de sua aplicação, realizou-se um processo de validação. Nessa etapa, o conjunto de variáveis foi submetido ao crivo de 20 (vinte) docentes, sendo 10 (dez) deles pertencentes à escola pública e os demais à escola privada. Tais especialistas analisaram os níveis de compreensão/clareza e representatividade de cada uma das variáveis ambientais, a partir de uma escala Likert de 11 pontos, variando de 0 (difícil de ser compreendida/não representativa) até 10 (fácil de ser compreendida/muito representativa). Os respondentes puderam também propor a inserção/supressão de alguma terminologia utilizada nas sentenças definidoras das variáveis a fim de adequar a linguagem ao contexto local. Como resultados, constatou-se que todas as dezesseis variáveis eram percebidas como representativas e que 10 (dez) delas necessitavam ser reescritas.

Por fim, a aplicação do questionário foi conduzida com alunos do 4º e 5º ano de duas escolas de Parelhas/RN, sendo uma da rede pública e outra privada. As instituições de ensino e os alunos foram selecionados por conveniência e acessibilidade.

3.1 Variáveis utilizadas

A Figura 3 enumera as dezesseis variáveis utilizadas e já com as devidas ponderações feitas pelos especialistas que participaram do processo de validação. Consoante escritos de Larson, Castleberry e Green (2010), cada variável associa-se a uma das 2 dimensões: eco-afinidade ou eco-consciência.

Variáveis	Dimensões
V1. Gosto de estudar sobre plantas nativas (juazeiro, jurema, aroeira, umbuzeiro, entre outras); animais selvagens (camaleão, tatu, raposa, preás, galo de campina, entre outros); recursos hídricos (Rio Seridó, barragem Boqueirão, etc); minérios (caulim, feldspato, mica, quartzo, entre outros); enfim, gosto de estudar sobre a natureza como um todo.	Eco-Afinidade
V2. Quando não estou na escola, dedico o meu tempo a plantar mudas de espécies nativas (juazeiro, jurema, aroeira, umbuzeiro, entre outras) na vizinhança, assim como cuidar delas (aguar, adubar e podar);	Eco-Afinidade
V3. Estou interessado em aprender novas maneiras de preservar as plantas e os animais nativos da região semiárida (juazeiro, jurema, aroeira, tatu, raposa, preás, arribaçã, entre outros).	Eco-Afinidade
V4. Eu daria um pouco do meu próprio dinheiro para proteger e preservar as plantas nativas e os animais selvagens típicos da região semiárida (juazeiro, jurema, aroeira, tatu, raposa, preás, arribaçã, entre outros).	Eco-Afinidade
V5. Gosto de passear por lugares/áreas que tenham plantas e animais nativos, tais como chácaras, sítios, fazendas, entre outros.	Eco-Afinidade
V6. Gosto de contribuir com a coleta de lixo depositado em locais impróprios, tais como terrenos baldios (limpar as áreas).	Eco-Afinidade
V7. Não gosto de deslocar-me até a escola por meio de veículos automotores, tais como: motos, carros, ônibus, entre outros.	Eco-Afinidade
V8. Gosto de controlar o consumo de energia elétrica ou de água de minha residência.	Eco-Afinidade

V9. Não gosto de conversar com meus familiares sobre plantas nativas (juazeiro, jurema, aroeira, umbuzeiro, entre outras); animais selvagens (camaleão, tatu, raposa, preás, galo de campina, entre outros); recursos hídricos (Rio Seridó, barragem Boqueirão, etc); minérios (caulim, feldspato, mica, quartzo, entre outros); enfim, não gosto de conversar sobre a natureza como um todo.	Eco-Afinidade
V10. Minha vida mudaria se não houvesse plantas e animais nativos da região semiárida (juazeiro, jurema, aroeira, tatu, raposa, preás, arribaçã, entre outros).	Eco-Consciência
V11. Plantas e animais nativos da região semiárida (juazeiro, jurema, aroeira, tatu, raposa, preás, arribaçã, entre outros) são importantes para as pessoas.	Eco-Consciência
V12. Ver casas e outras edificações em locais em que plantas e animais nativos da região semiárida (juazeiro, jurema, aroeira, tatu, raposa, preás, arribaçã, entre outros) habitavam anteriormente; deixa-me triste.	Eco-Consciência
V13. As pessoas precisam de plantas (juazeiro, jurema, aroeira, tatu, raposa, preás, arribaçã, entre outros) para viver.	Eco-Consciência
V14. Plantas e animais nativos da região semiárida (juazeiro, jurema, aroeira, tatu, raposa, preás, arribaçã, entre outros) sofrem agressões humanas constantemente, tais como desmatamento e caça predatória.	Eco-Consciência
V15. Precisamos preservar (cuidar melhor) as plantas e os animais nativos da região semiárida (juazeiro, jurema, aroeira, tatu, raposa, preás, arribaçã, entre outros).	Eco-Consciência
V16. Precisamos racionar água e praticar coleta seletiva do lixo residencial.	Eco-Consciência

Figura 3. Variáveis Ambientais utilizadas na pesquisa.

Fonte: Elaborado pelos Autores.

3.2 Universo e Amostra

A pesquisa teve como universo os 101 alunos regularmente matriculados no 4º e 5º ano de duas escolas do segmento local, sendo uma da rede pública de ensino e outra da rede particular, conforme ilustra a Tabela 1. Admitindo-se um erro de 4% e um nível de confiança de 95%, a amostra atingiu a ordem de 98 alunos, sendo os respondentes selecionados por critérios de conveniência e acessibilidade. Conquanto, foram entrevistados todos os 101 discentes. Não houve questionários considerados inválidos.

Tabela 1 – Universo e Amostra.

Escola	Ano	Universo	Amostra*
Pública	4º	35	34
	5º	33	32
Privada	4º	26	25
	5º	7	7
Total		101	98

Legenda: (*) Admitindo-se erro de 4% e nível de confiança de 95%.

3.3 Instrumento de Pesquisa

O instrumento de pesquisa utilizado foi uma versão adaptada da escala CEPS (Children's Environmental Perceptions Scale) de autoria de Larson, Castleberry e Green (2010). Foi composto por dois módulos. O primeiro módulo contemplava questões sociodemográficas. Já o segundo módulo indagava aos respondentes qual o seu nível de (dis)concordância a respeito das dezesseis sentenças

propostas (relacionadas com as variáveis ambientais da Figura 3). As respostas do último módulo foram capturadas a partir de uma escala Likert de 11 (onze) pontos, variando de “discordo totalmente” (nota zero/☹) até “concordo totalmente” (nota dez/☺). Essas indicações consideraram a(s) participação(ões) dos respondentes na campanha Preservação e Valorização Ambiental de Parelhas/RN. Símbolos foram incluídos em cada resposta com o propósito de fornecer uma indicação visual e aumentar a precisão da resposta, conforme apontamentos de Larson, Castleberry e Green (2010).

3.4 Plano de coleta de dados

Os alunos foram entrevistados nos dias 11, 15 e 16 de setembro de 2014, em sala de aula. A aplicação ocorreu nos turnos matutino e vespertino. Foi solicitado o consentimento livre e esclarecido tanto dos gestores das escolas envolvidas, quanto dos sujeitos da pesquisa. No momento da aplicação foram realizados os seguintes procedimentos: apresentação do pesquisador; relato sobre o propósito da pesquisa; leitura em voz alta, por duas vezes, de cada sentença; oferta de tempo para responder cada sentença (aproximadamente 60 segundos) e a prestação de esclarecimentos, quando necessário. Os pesquisadores garantiram o anonimato dos alunos; os quais levaram, em média, vinte e cinco minutos para responderem o questionário.

4. Apresentação e Discussão dos Resultados

Os resultados apresentados nesta seção reproduzem a apuração de 101 respostas válidas. A Tabela 2 ilustra os aspectos sociodemográficos dos pesquisados. Em sua maioria, os entrevistados são homens (53,47%) e afirmaram ter, no mínimo, 10 anos de idade (58,42%).

Tabela 2 – Aspectos sociodemográficos dos respondentes.

Gênero	%	Faixa Etária (Anos)	%
Masculino	53,47	Até 9	41,58
Feminino	46,53	10 ou mais	58,42

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Ao perscrutar a Tabela 3, percebe-se que a maior parcela dos respondentes está matriculada em escola da rede pública (67,33%) e frequenta o 4º ano do ensino básico (60,40%). Ademais, nota-se que apesar de um público jovem; os alunos entrevistados participam da Campanha de Preservação e Valorização Ambiental em Parelhas/RN. Para 60,40% dos discentes, a assiduidade nesse projeto atingiu a ordem de três edições.

Tabela 3 – Características discentes e número de edições das quais o respondente participou da Campanha de Preservação e Valorização Ambiental em Parelhas/RN.

Série	%	Escola	%	Número de Edições	%
4º Ano	60,40	Pública	67,33	Até 3 vezes	60,40
5º Ano	39,60	Privada	32,67	4 ou mais vezes	39,60

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

4.1 Orientações e comportamentos ambientais

A Tabela 4 mostra o nível de concordância dos respondentes em relação às variáveis ambientais pesquisadas, considerando as suas participações na Campanha de Preservação e Valorização Ambiental em Parelhas/RN. Para tanto, instou-se aos entrevistados que conferissem, de forma sequencial e independente, uma nota oscilando de zero (discordo totalmente) a dez (concordo totalmente) para cada uma das dezesseis variáveis.

Sequencialmente, as médias nominais (Me) das variáveis foram calculadas e ordenadas; de modo que atribuisse a primeira posição à variável de maior nota, e assim por diante, até que o último posto do *ranking* (R) fosse ocupado por aquela de menor média. Numa perspectiva geral, o nível de concordância dos respondentes em relação às variáveis ambientais ficou numa faixa entre mediana a alta, cujas médias nominais variaram de 9,73 a 7,27. As exceções ocorreram nas variáveis V2 (5,96), V7 (3,98) e V9 (2,65), as quais integram a dimensão eco-afinidade. Nota-se ainda que duas delas (V7 e V9) referem-se a questões invertidas, de negação. Esses dados mostram a identificação que os respondentes possuem quanto: ao gosto de deslocar-se até à escola fazendo uso de veículos automotores; ao gosto de dialogar com parentes sobre temas que envolvam a natureza; e ao evento de não simpatizar com o plantio e cuidado de mudas nativas nas horas de lazer. Destarte, os achados apontam para uma eco-orientação bem definida e robusta dos alunos participantes do projeto. No entanto, quando as medidas ambientalmente corretas comprometem o conforto dos alunos (por exemplo, deixar de usar veículos para deslocamentos e dedicar tempo livre para realizar ações “verdes”); elas são postas em segundo plano.

Percebe-se que a dimensão eco-consciência sobressaiu, situando seis das sete variáveis que a compõem no grupo de maior nível de concordância. Já as variáveis da dimensão eco-afinidade, em essência, situaram-se no grupo de menor nível de concordância. Esse cenário só não ocorreu para as variáveis V1 e V5. O gosto de estudar aspectos da natureza (V1) e a cultura de passear por áreas verdes (V5) são valores representativos, e possivelmente, enraizados na cultura dos discentes através das ações da Campanha de Preservação e Valorização Ambiental em Parelhas/RN. Além disso, depreende-se que os sujeitos participantes do projeto local sabem o quão importante é o seu papel para o ato de contribuir com a preservação do meio ambiente. Todavia, o nível de empatia, de identificação dos respondentes com a questão ambiental está em um patamar inferior.

Tabela 4 – Média geral das notas atribuídas a cada variável ambiental e *ranking* geral.

Nível de Concordância	Variáveis Ambientais	Média (Me)	Ranking (R)	Dimensão
Maior	V5	9,73	1	Eco-Afinidade
	V13	9,65	2	Eco-Consciência
	V16	9,52	3	Eco-Consciência
	V15	9,54	4	Eco-Consciência
	V11	9,49	5	Eco-Consciência
	V14	9,34	6	Eco-Consciência
	V1	9,22	7	Eco-Afinidade
	V12	9,14	8	Eco-Consciência
Menor	V8	8,73	9	Eco-Afinidade
	V3	8,45	10	Eco-Afinidade
	V10	7,88	11	Eco-Consciência
	V4	7,58	12	Eco-Afinidade
	V6	7,27	13	Eco-Afinidade
	V2	5,96	14	Eco-Afinidade
	V7	3,98	15	Eco-Afinidade
	V9	2,65	16	Eco-Afinidade

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

A Tabela 5 traz as orientações e comportamentos ambientais por gênero. O panorama das variáveis ambientais por gênero assemelha-se à perspectiva geral – médios e altos índices de concordância (salvo, variáveis V2, V7 e V9), além do destaque para a dimensão eco-consciência. De modo complementar, o teste de correlação de Spearman foi empregado para avaliar o alinhamento entre os *rankings* de concordância. O referido teste aponta em que medida os níveis de concordância (as posições no *ranking*) são compatíveis. Observou-se que praticamente não há distinção entre as

percepções ambientais de homens e mulheres; haja vista que o índice atingiu a ordem de 0,968 (Tabela 6).

Tabela 5 – Médias das notas atribuídas a cada variável ambiental e *ranking*, por gênero.

Nível de Concordância	Variáveis Ambientais	Homens		Mulheres		Dimensão
		Me	R	Me	R	
		Maior				
	V5	9,59	1	9,91	1	Eco-Afinidade
	V13	9,52	2	9,72	4	Eco-Consciência
	V16	9,35	5	9,83	2	Eco-Consciência
	V15	9,35	4	9,81	3	Eco-Consciência
	V11	9,37	3	9,60	5	Eco-Consciência
	V14	9,11	6	9,60	6	Eco-Consciência
	V1	9,02	7	9,45	8	Eco-Afinidade
	V12	8,70	8	9,49	7	Eco-Consciência
Menor						
	V8	8,30	9	9,23	9	Eco-Afinidade
	V3	8,28	10	8,87	10	Eco-Afinidade
	V10	7,74	11	8,13	11	Eco-Consciência
	V4	7,33	12	8,04	13	Eco-Afinidade
	V6	6,48	13	8,06	12	Eco-Afinidade
	V2	6,15	14	5,96	14	Eco-Afinidade
	V7	3,93	15	3,85	15	Eco-Afinidade
	V9	2,94	16	2,32	16	Eco-Afinidade

Legenda: Me – média de cada variável por gênero; R – *ranking*.

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Tabela 6 – Teste de Spearman.

	Homens	Mulheres
Homens	1,00	0,968
Mulheres		1,00

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Correlação é significativa ao nível de: 0.01 (2-tailed)

No entanto, identifica-se um padrão de concordância maior por parte do público feminino. Das dezesseis variáveis pesquisadas, as mulheres atingiram médias superiores em treze observações. Apenas nas variáveis V2, V7 e V9; as notas conferidas pelos homens superaram aquelas atribuídas pelas mulheres. As mulheres apresentam um maior conhecimento e uma maior propensão em agir em defesa da natureza. Isso coaduna com os achados de Larson, Castleberry e Green (2010). A Figura 4 ilustra o comportamento das médias de cada variável, por sexo.

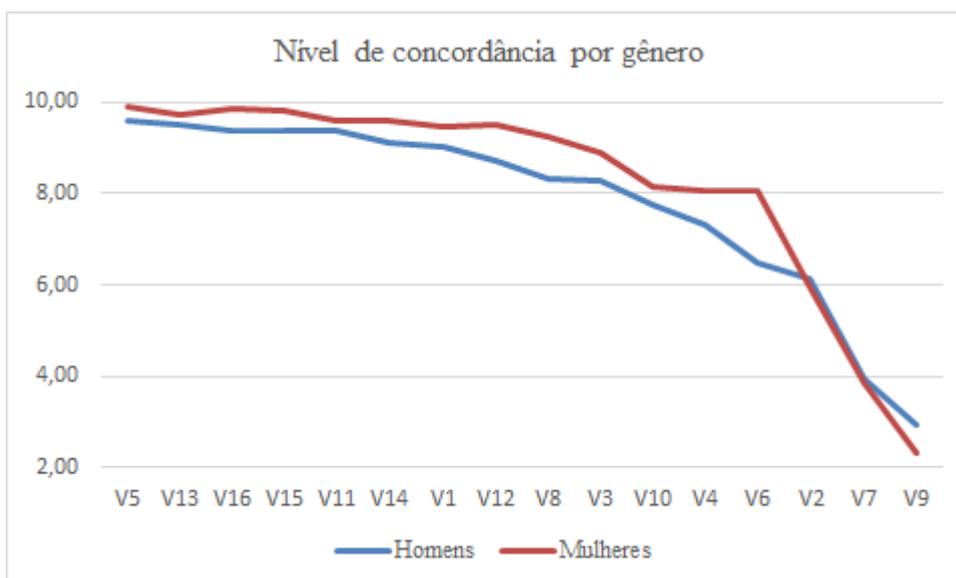


Figura 4. Comportamentos das médias de cada variável ambiental, por gênero.

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Ao averiguar a Tabela 7, nota-se que os alunos com idade até 9 anos atribuíram as maiores médias para cinco (V11, V12, V13, V15 e V16) das variáveis que compõem a dimensão eco-consciência. Esses dados confirmam os apontamentos de Larson, Castleberry e Green (2010). Para os autores, os sentimentos pró-ambiente é mais marcante em públicos mais jovens.

Por sua vez, a eco-afinidade é mais sólida nos respondentes com idade igual ou superior a 10 anos. Para essa faixa etária, das nove variáveis que compõem a dimensão eco-afinidade, em sete observações as maiores médias situaram nessa classe (V2, V4, V5, V6, V7, V8 e V9). Contudo, o coeficiente de correlação de Spearman foi de 0,824 (Tabela 8). Isso demonstra uma similaridade entre as orientações e atitudes ambientais reproduzidas pelos alunos, independente da faixa etária.

Tabela 7 – Médias das notas atribuídas a cada variável ambiental e *ranking*, por faixa etária.

Nível de Concordância	Variáveis Ambientais	Faixa Etária (Anos)				Dimensão
		Até 9 anos		10 ou mais		
		Me	R	Me	R	
Maior	V5	9,64	5	9,81	1	Eco-Afinidade
	V13	9,71	3	9,54	3	Eco-Consciência
	V16	9,69	4	9,49	4	Eco-Consciência
	V15	9,79	1	9,41	5	Eco-Consciência
	V11	9,74	2	9,29	6	Eco-Consciência
	V14	8,71	10	9,78	2	Eco-Consciência
	V1	9,29	7	9,17	7	Eco-Afinidade
	V12	9,31	6	8,90	8	Eco-Consciência
Menor	V8	8,71	9	8,75	9	Eco-Afinidade
	V3	8,93	8	8,29	10	Eco-Afinidade
	V10	7,40	11	8,29	11	Eco-Consciência
	V4	7,29	12	7,93	12	Eco-Afinidade
	V6	6,55	13	7,69	13	Eco-Afinidade
	V2	5,69	14	6,32	14	Eco-Afinidade
	V7	3,62	15	4,08	15	Eco-Afinidade
	V9	2,48	16	2,78	16	Eco-Afinidade

Legenda: Me – média de cada variável por faixa etária; R – *ranking*.

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Tabela 8 – Teste de Spearman.

	Até 9 anos	10 anos ou mais
Até 9 anos	1,00	0,824
10 anos ou mais		1,00

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Correlação é significativa ao nível de: 0.01 (2-tailed)

No que concerne a uma análise por série (Tabela 9), constata-se que os alunos do 4º ano conferiram as maiores médias em doze das dezesseis variáveis. Esse fenômeno só não ocorreu para V6, V9, V10 e V14, conforme ilustrado na Figura 5. Portanto, as atitudes e consciência ambientais desenvolvidas pela Campanha de Preservação e Valorização Ambiental em Parelhas/RN afloram com menor intensidade em alunos do 5º ano.

Para a turma do 4º ano, a sentença com a qual mais concordaram foi aquela que tratava sobre a importância das plantas para a vida humana (V13); ao passo que, para o 5º ano, o ato de passear por ambientes verdes, tais como os sítios, agradavam mais (V5).

Tabela 9 – Médias das notas atribuídas a cada variável ambiental e *ranking*, por série.

Nível de Concordância	Variáveis Ambientais	Série				Dimensão
		4º Ano		5º Ano		
		Me	R	Me	R	
Maior	V5	9,75	4	9,73	1	Eco-Afinidade
	V13	9,80	1	9,33	3	Eco-Consciência
	V16	9,79	3	9,25	4	Eco-Consciência
	V15	9,80	2	9,20	5	Eco-Consciência
	V11	9,69	5	9,15	6	Eco-Consciência
	V14	9,11	8	9,68	2	Eco-Consciência
	V1	9,48	6	8,83	7	Eco-Afinidade
	V12	9,26	7	8,78	8	Eco-Consciência
Menor	V8	8,89	9	8,50	10	Eco-Afinidade
	V3	8,82	10	8,15	11	Eco-Afinidade
	V10	7,39	12	8,73	9	Eco-Consciência
	V4	7,70	11	7,60	13	Eco-Afinidade
	V6	6,77	13	7,90	12	Eco-Afinidade
	V2	6,46	14	5,45	14	Eco-Afinidade
	V7	4,21	15	3,40	15	Eco-Afinidade
	V9	2,31	16	3,18	16	Eco-Afinidade

Legenda: Me – média de cada variável por série; R – *ranking*.

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

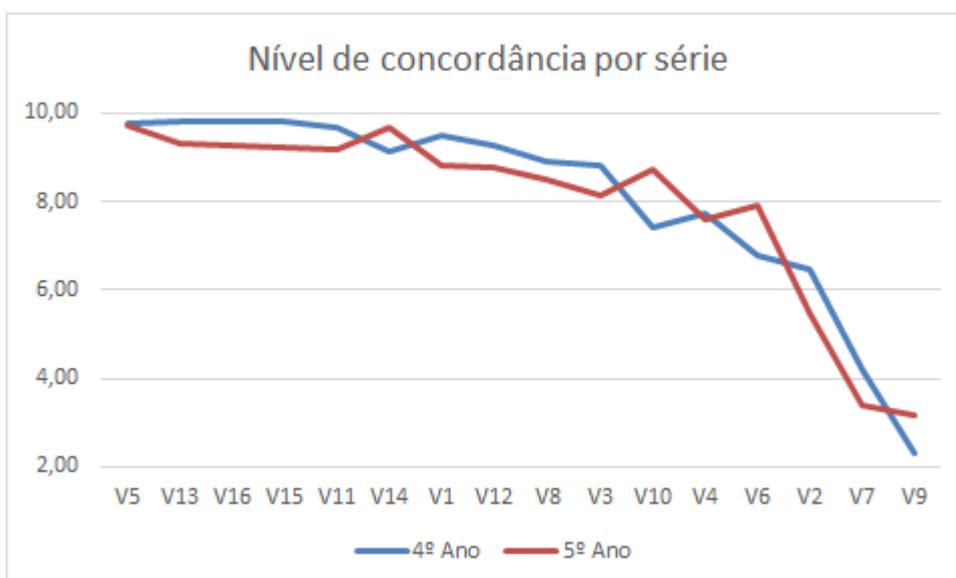


Figura 5. Comportamentos das médias de cada variável ambiental, por série.

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Outrossim, o coeficiente de correlação de Spearman foi de 0,885. Isso indica que existe conformidade entre os comportamentos e sentimentos pró-ambiente de alunos de séries distintas. Não há, então, sustentáculos para se cogitar que as orientações ambientais de um sejam diferenciadas do outro. O resultado do teste de Spearman é apresentado na Tabela 10.

Tabela 10 – Teste de Spearman.

	4º Ano	5º Ano
4º Ano	1,00	0,885
5º Ano		1,00

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Correlação é significativa ao nível de: 0.01 (2-tailed)

Numa perspectiva por tipo de escola (Tabela 11), verifica-se que os alunos da rede pública de ensino possuem condutas ambientais mais robustas em comparação com os da rede privada. Das dezesseis variáveis, em doze delas, as maiores médias foram atribuídas por esse público. As exceções ocorreram nas variáveis V15, V16, V8 e V9. A Figura 6 ilustra esse comportamento. Ressalta ainda que houve divergência quanto ao atributo de maior concordância. Enquanto que, para os discentes da escola pública, o ato de passear por ambientes verdes (sítios, chácaras, entre outros) foi a sentença com a qual mais se identificaram; para aqueles que frequentam as instituições privadas, este posto foi ocupado pela ação de racionar água e praticar coleta seletiva do lixo domiciliar.

Tabela 11 – Médias das notas atribuídas a cada variável ambiental e *ranking*, por escola.

Nível de Concordância	Variáveis Ambientais	Escola				Dimensão
		Pública		Privada		
		Me	R	Me	R	
Maior	V5	9,84	1	9,55	3	Eco-Afinidade
	V13	9,69	2	9,45	4	Eco-Consciência
	V16	9,44	6	9,85	1	Eco-Consciência
	V15	9,47	4	9,76	2	Eco-Consciência
	V11	9,54	3	9,33	5	Eco-Consciência
	V14	9,41	7	9,18	6	Eco-Consciência
	V1	9,44	5	8,76	8	Eco-Afinidade
	V12	9,32	8	8,55	9	Eco-Consciência

Menor	V8	8,68	10	8,85	7	Eco-Afinidade
	V3	8,71	9	8,24	10	Eco-Afinidade
	V10	8,13	11	7,48	11	Eco-Consciência
	V4	7,82	13	7,33	12	Eco-Afinidade
	V6	7,93	12	5,76	13	Eco-Afinidade
	V2	6,53	14	5,09	14	Eco-Afinidade
	V7	4,10	15	3,45	15	Eco-Afinidade
	V9	2,32	16	3,33	16	Eco-Afinidade

Legenda: Me – média de cada variável por escola; R – ranking.

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

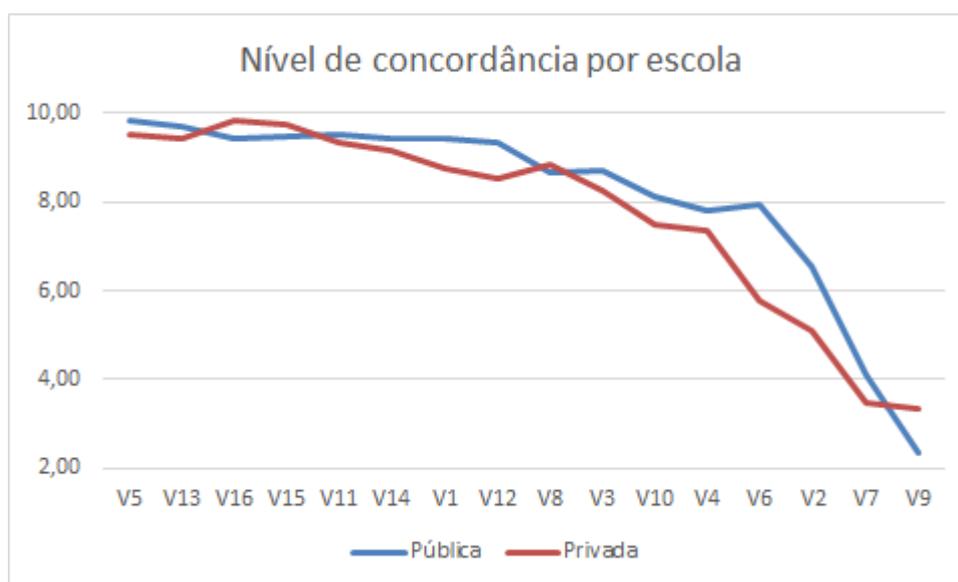


Figura 6. Comportamentos das médias de cada variável ambiental, por escola

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Não obstante a tendência de superioridade das médias atribuídas pelos alunos da rede pública, nota-se que há um alinhamento entre as orientações ambientais dos entrevistados. O teste de Spearman (Tabela 12) apontou um coeficiente de 0,906. Isso indica que, independentemente do tipo de escola a qual o aluno está matriculado, os níveis de concordância são similares em relação ao conjunto de variáveis ambientais pesquisado. Não há distinção de atitudes/ações pró-ambiente entre as classes.

Tabela 12 – Teste de Spearman

	Pública	Privada
Pública	1,00	0,906
Privada		1,00

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Correlação é significativa ao nível de: 0.01 (2-tailed)

Em razão do número de edições estar relacionado com a série que o aluno frequenta, o cenário percebido na Tabela 13 é bem próximo do outro. Por exemplo, as maiores médias foram atribuídas, em doze variáveis, por sujeitos que tinham participado de até 3 edições da Campanha de Preservação e Valorização Ambiental em Parelhas/RN. Assim como observado na perspectiva por série, somente nas variáveis V6, V9, V10 e V14 essa superioridade das notas médias não prevaleceu. Para aqueles que participaram de até 3 edições do projeto, a sentença com a qual mais concordaram foi aquela que versa sobre a importância das plantas para a humanidade (V13). Já para alunos com maior índice de

participações, o nível de concordância é mais expressivo quando se fala em passeio por áreas verdes (V5).

Tabela 13 – Médias das notas atribuídas a cada variável ambiental e *ranking*, por número de edições.

Nível de Concordância	Variáveis Ambientais	Número de Edições				Dimensão
		Até 3		4 ou mais		
		Me	R	Me	R	
Maior	V5	9,75	4	9,73	1	Eco-Afinidade
	V13	9,80	1	9,33	3	Eco-Consciência
	V16	9,79	3	9,25	4	Eco-Consciência
	V15	9,80	2	9,20	5	Eco-Consciência
	V11	9,69	5	9,15	6	Eco-Consciência
	V14	9,11	8	9,68	2	Eco-Consciência
	V1	9,48	6	8,83	7	Eco-Afinidade
	V12	9,26	7	8,78	8	Eco-Consciência
Menor	V8	8,89	9	8,50	10	Eco-Afinidade
	V3	8,82	10	8,15	11	Eco-Afinidade
	V10	7,39	12	8,73	9	Eco-Consciência
	V4	7,70	11	7,60	13	Eco-Afinidade
	V6	6,77	13	7,90	12	Eco-Afinidade
	V2	6,46	14	5,45	14	Eco-Afinidade
	V7	4,21	15	3,40	15	Eco-Afinidade
	V9	2,31	16	3,18	16	Eco-Afinidade

Legenda: Me – média de cada variável por número de edições; R – *ranking*.

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Apesar das ponderações sobreditas, existe alta correlação entre os comportamentos e orientações ambientais dos alunos que participaram de até 3 edições e aqueles mais assíduos. De forma geral, a proximidade entre os níveis de concordância é evidenciada pelo Teste de Spearman (Tabela 14), atingindo a grandeza de 0,885.

Tabela 14 – Teste de Spearman.

	Até 3	4 ou mais
Até 3	1,00	0,885
4 ou mais		1,00

Fonte: Dados da Pesquisa (2014)

Correlação é significativa ao nível de: 0.01 (2-tailed)

5. Considerações Finais

Este artigo avaliou se a Campanha de Preservação e Valorização Ambiental, desenvolvida no município de Parelhas/RN, contribui com as orientações e comportamentos ambientais dos participantes. Foram entrevistados 101 alunos de duas escolas do segmento local. Assim como as instituições de ensino, os discentes foram selecionados por conveniência, no entanto, esses deveriam enquadrar-se nos seguintes critérios: estarem regularmente matriculados no 4º e 5º ano e terem participado de pelo menos uma edição do referido projeto.

Dentre os principais achados, nota-se que as notas médias das variáveis ambientais, em essência, oscilaram entre 9,95 e 6,00, salvo em V2, V7 e V9. Verifica-se também que a dimensão eco-consciência se sobressaiu, uma vez que a maior parcela das variáveis que a compõe orbitou no grupo de maior nível de concordância. Isso indica que sujeitos participantes da campanha têm conhecimento

de quão importante são para a preservação do meio natural. Porém, o nível de identificação (dimensão eco-afinidade) dos respondentes com a questão ambiental encontra-se em patamar inferior.

A variável V5 (passear por áreas verdes) destacou-se como aquela de maior nível de concordância (1º colocação) tanto numa perspectiva geral quanto para homens, mulheres, respondentes com 10 anos ou mais, do 5º ano, da rede pública de ensino e que participaram de no mínimo quatro edições da Campanha de Preservação e Valorização Ambiental. A explicação pode relacionar-se com o fato do município estar inserido em uma região em que é expressivo o processo de desertificação, sendo, então, tema constantemente debatido em sala de aula e valorizado pelos respondentes. Já o maior índice de discordância, para todos os contextos analisados, ocorreu na variável V9. O ato de não gostar de dialogar sobre a natureza com familiares foi amplamente contestado, sendo a sentença com a qual menos se identificaram. Reforçando os elementos comuns apontados, percebe-se semelhanças significativas no ordenamento das respostas no que tange ao grau de concordância conferida às variáveis ambientais. Os testes de Spearman apontaram coeficientes entre 0,968 e 0,824. Mostrou-se, assim, que não há distinções entre as condutas ambientais de diferentes classes. Por exemplo, os comportamentos ambientais dos homens convergem com aqueles praticados pelas mulheres.

Os resultados aqui expostos sugerem que a Campanha de Preservação e Valorização Ambiental ou vem conseguindo edificar condutas e valores em prol do meio ambiente ou vem fortalecendo valores ambientais já consolidados pelos alunos participantes. Percebe-se que as orientações e comportamentos ambientais dos discentes são robustos, contudo, não se pode afirmar que esse fenômeno é oriundo tão somente do projeto sobredito. Logo, as conclusões limitam-se às escolas e séries pesquisadas. Como proposta de pesquisa futura, propõe-se que haja um estudo comparativo com alunos participantes e não-participantes para avaliar com maior requinte a parcela de contribuição do projeto em relação a formação de orientações e comportamentos ambientais.

Referências

- AGUILAR, T. M. *et al.* Oficinas de educação ambiental do projeto pato aqui, água acolá em escolas de São Roque de Minas, Minas Gerais, Brasil. **e-Scientia**, v. 6, n. 1, pp. 16-35, 2013.
- ALMEIDA, E. M. P. *et al.* Educação Ambiental na escola: estudo da relação entre a alimentação e a produção de resíduos. **Revbea**, v. 8, n. 2, pp. 131-149, 2013.
- BEZERRA, T. M. de O.; GONÇALVES, A. A. C. Concepções de meio ambiente e educação ambiental por professores da Escola Agrotécnica Federal de Vitória de Santo Antão-PE. **Biotemas**, v. 20, n. 3, pp. 115-125, 2007.
- BLANCHET-COHEN, N.; REILLY, R.C. Teachers' perspectives on environmental education in multicultural contexts: Towards culturally-responsive environmental education. **Teaching and Teacher Education**, v. 36, pp. 12-22, 2013.
- BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 27 abril de 1999.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos**: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARNEIRO, S. M. M. A dimensão ambiental da educação escolar de 1ª - 4.ª séries do ensino fundamental na rede escolar pública da cidade de Paranaguá. **Educar em Revista**, n. 15, pp. 165-172. 1999.
- CARVALHO, I. C. de M. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação In: LAYRARGUES, P. P. (org.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.
- CHALITA, G. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2002.
- DEREVENSKAIA, O. Active learning methods in environmental education of students. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 131, pp. 101-104, 2014.

- FRACALANZA, H. *et al.* A educação ambiental no Brasil: panorama inicial da produção acadêmica. **Ciências em foco**, v. 1, n. 1, pp. 1-14, 2008.
- HOVARDAS, T.; KORFIATIS K. Effects of an environmental education course on consensus estimates for proenvironmental intentions. **Environment and Behavior**, n. 6, v. 44, pp. 760-784, 2011.
- JACOBI, P. Meio ambiente urbano e sustentabilidade: alguns elementos para a reflexão. In: CAVALCANTI, C. (org.). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1997. pp. 384-390.
- JANTZ, A. R. *et al.* Uma proposta de temas geradores para Educação Ambiental em escolas de comunidades com vulnerabilidade ambiental. **Revista Eletrônica Mestrado Educação Ambiental**, v. 30, n.2, p. 335 -355, 2013.
- LARSON, L. R.; CASTLEBERRY, S. B.; G. T. GREEN. Effects of an Environmental Education Program on the Environmental Orientations of Children from Different Gender, Age and Ethnic Groups. **Journal of Park and Recreation Administration**, n. 3, v. 28, pp. 95-113, 2010.
- MACHADO, M. M. *et al.* Educação Ambiental na escola pública Unidade Integrada Governador Matos Carvalho, São Luís (MA): um estudo de caso. **Revbea**, v. 8, n 2, pp. 20-30, 2013.
- MENDONÇA, P. R. A Educação ambiental como política educacional: reflexões sobre os desafios dessa nova institucionalidade. In: TABLIEBER, J. E. & GUERRA, A. F. S. (Orgs.). Colóquio de pesquisadores em educação ambiental da região sul. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2004. pp. 215-228.
- NASCIMENTO, W. S. dos A. do. **Avaliação dos impactos ambientais gerados por uma indústria cerâmica típica da região do Seridó/RN**. 2007. 185f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Mecânica) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica, Natal/RN, 2007.
- PALMA, I. R. **Análise da percepção ambiental como instrumento ao planejamento da educação ambiental**. 2005. 72f. Dissertação (Mestrado em Engenharia) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Minas, Metalúrgica e de Materiais, Porto Alegre/RS, 2005.
- PONTALTI, E. S. **Projeto de educação ambiental: parque cinturão verde de Cianorte**. Disponível em: <http://www.apromac.org.br>. Acesso em: 26/07/2014.
- REIS, M. *et al.* A educação ambiental na formação inicial de professores de biologia: concepções, componentes curriculares e possibilidades de ações segundo os licenciandos. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 6, n. 3, pp. 96-113, 2013.
- RODRIGUES, S. J. Environmental Education: A propose of high school. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 116, pp. 231-234, 2014.
- SÁ, Á. K. G.; PEREIRA, C. de A.; MOURA, R. C. G. Relação entre a teoria e a prática da educação ambiental na EJA do SESC – Petrolina/PE. **Revista de Educação, Ciências e Matemática**, v. 2, n.1, pp. 69-80, 2012.
- SORRENTINO, M. A educação ambiental no Brasil. In: JACOBI, P. *et al.* (orgs.). **Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências**. São Paulo: SMA, 1998. pp. 27-32.
- SOUZA, G. S. de *et al.* Educação ambiental como ferramenta para o manejo de resíduos sólidos no cotidiano escolar. **Revbea**, v. 8, n. 2, pp. 118-130, 2013.
- TRAJBER, R.; MENDONÇA, P. R. **Educação na diversidade: o que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao5.pdf>>. Acesso em: 10 de julho de 2014.
- THOMAS, R. E.W.; TEEL, T. L.; BRUYERE, B. L. Seeking excellence for the land of paradise: integrating cultural information into an environmental education program in a rural Hawai'ian community. **Studies in Educational Evaluation**, v. 41, pp.58-67, 2014.